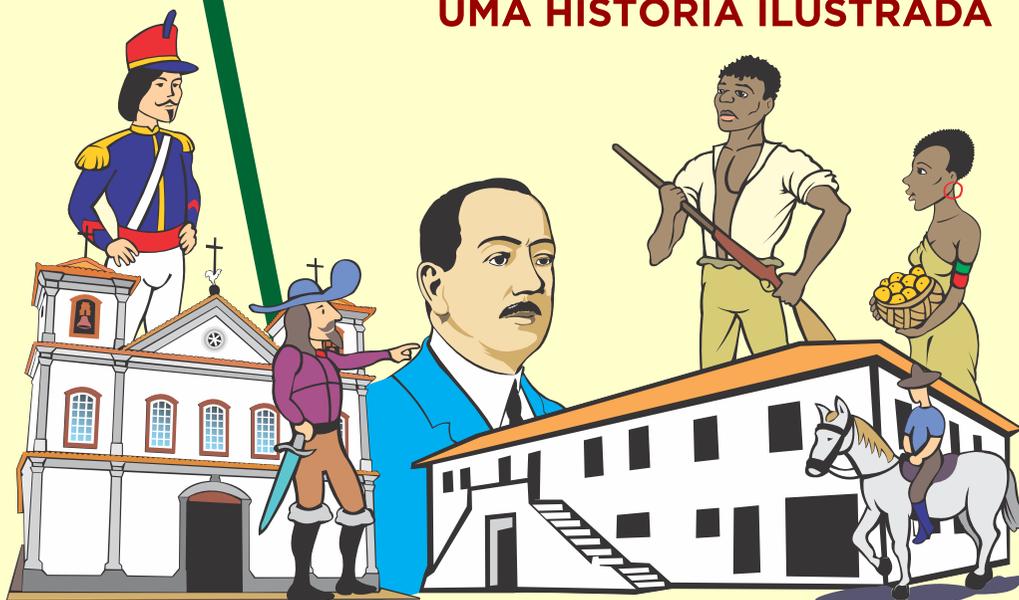




# Paty do Alferes

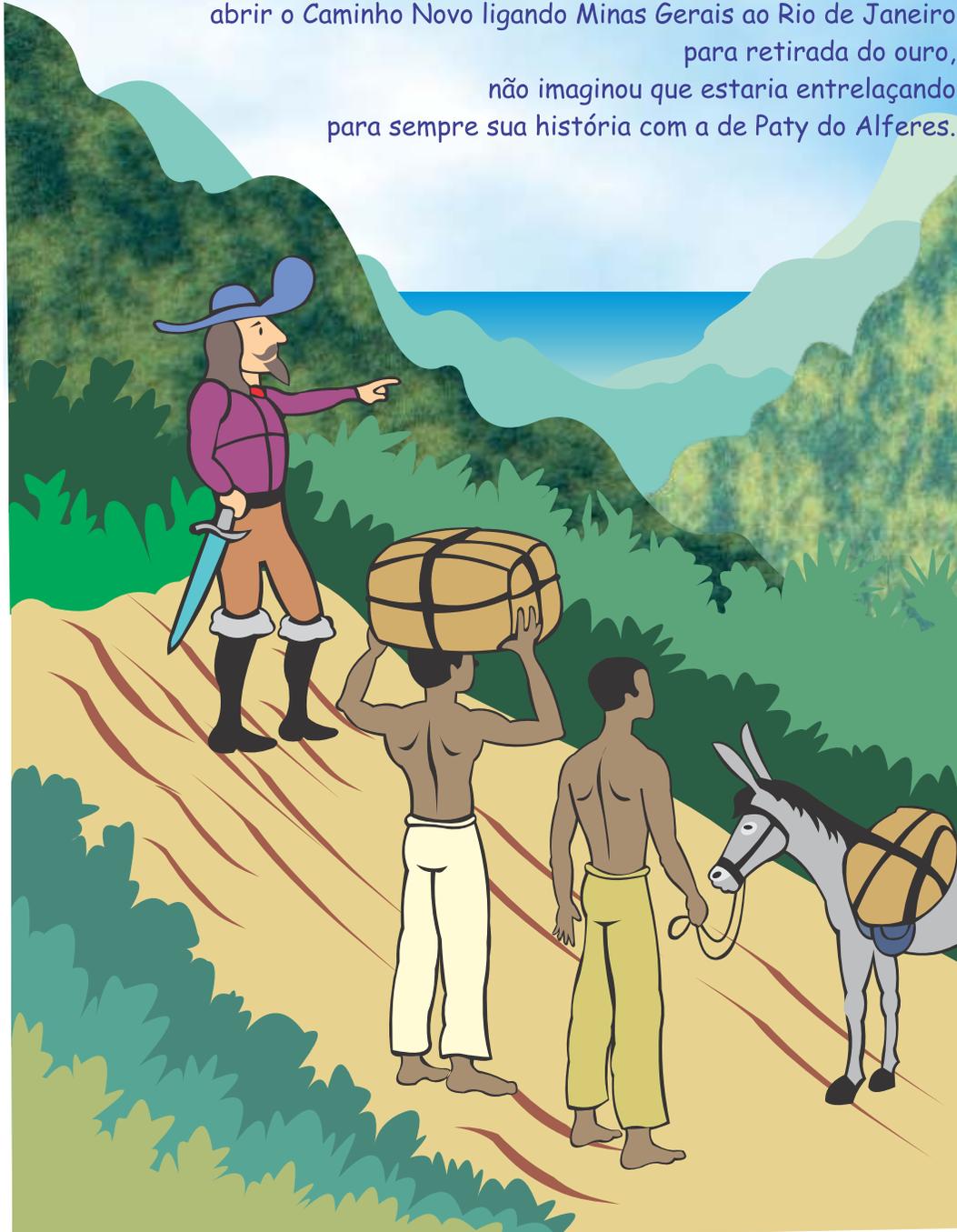
UMA HISTÓRIA ILUSTRADA



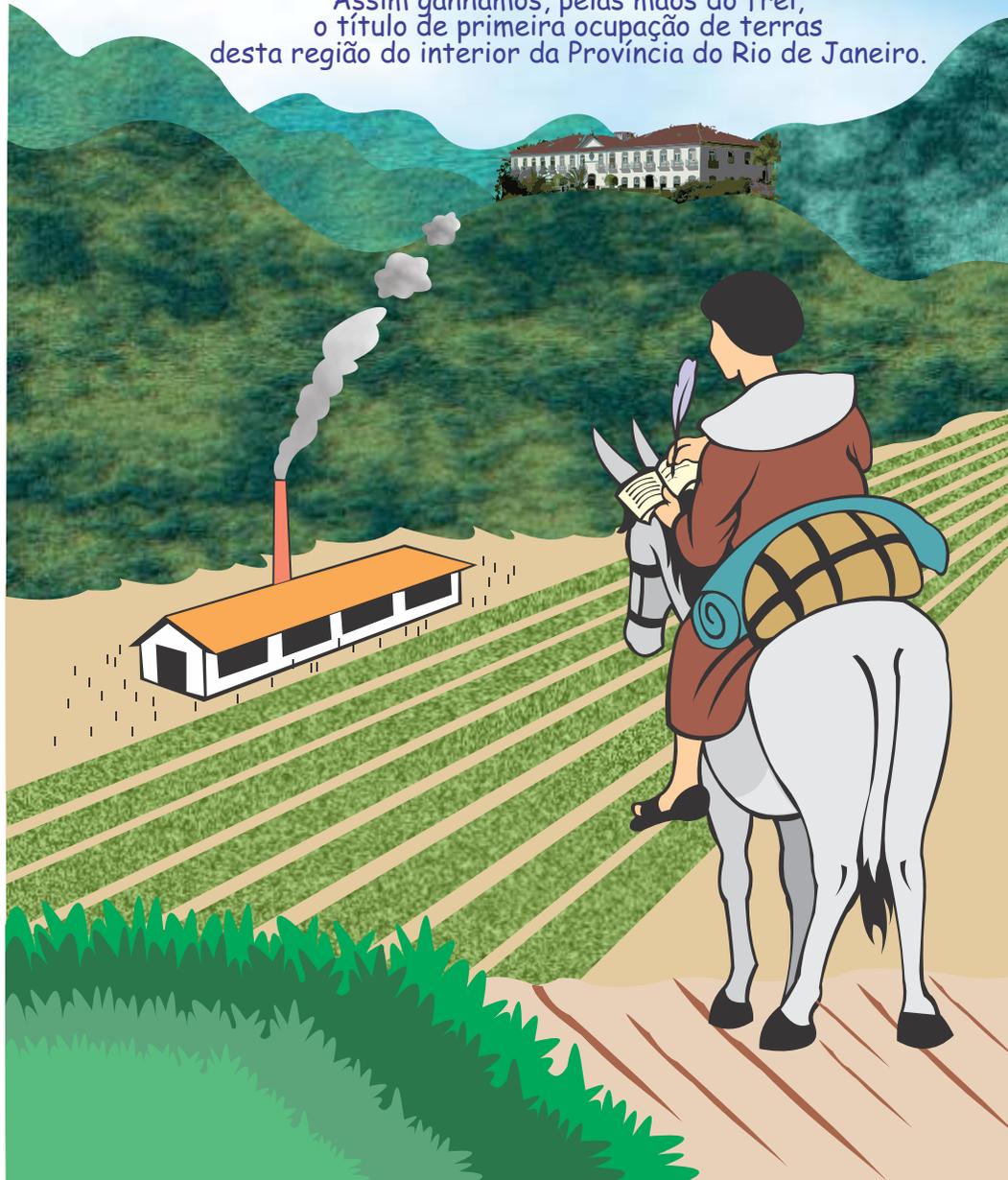
Este livreto  
é dedicado  
aos estudantes  
de Paty do Alferes.



Garcia Rodrigues Paes nasceu com uma alma de desbravador igual a do seu pai, Fernão Dias Paes, conhecido como "O Caçador de Esmeraldas" porém, quando resolveu, em 1700, abrir o Caminho Novo ligando Minas Gerais ao Rio de Janeiro para retirada do ouro, não imaginou que estaria entrelaçando para sempre sua história com a de Paty do Alferes.

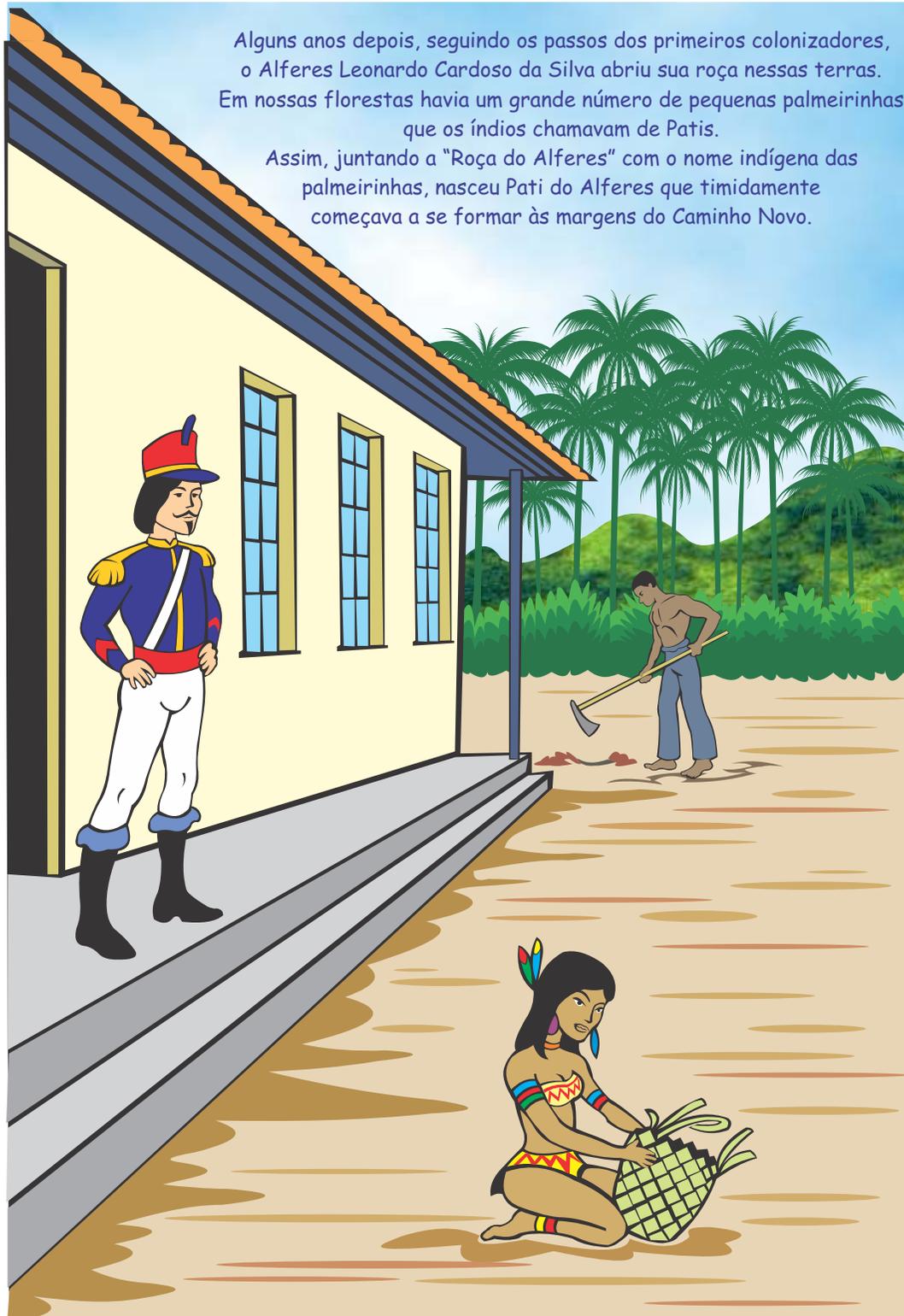


Nesta época os padres viajavam muito,  
se tornando mensageiros da Corte para o interior  
e trazendo notícias para as igrejas mais distantes.  
Frei Antonil foi um deles.  
Padre italiano que vivia no Brasil,  
quando conheceu o Caminho Novo  
encontrou, em plena selva, um enorme engenho  
que lhe causou grande espanto.  
Era a Fazenda Pao Grande, majestosamente  
produzindo cana-de-açúcar.  
Assim ganhamos, pelas mãos do frei,  
o título de primeira ocupação de terras  
desta região do interior da Província do Rio de Janeiro.



Alguns anos depois, seguindo os passos dos primeiros colonizadores, o Alferes Leonardo Cardoso da Silva abriu sua roça nessas terras. Em nossas florestas havia um grande número de pequenas palmeirinhas que os índios chamavam de Patis.

Assim, juntando a "Roça do Alferes" com o nome indígena das palmeirinhas, nasceu Pati do Alferes que timidamente começava a se formar às margens do Caminho Novo.



O Capitão Francisco Tavares foi outro grande colonizador de Paty do Alferes.

Dono de uma importante sesmaria, ali ele ergueu nossa 1ª capela, onde eram rezadas as missas para os moradores de sua fazenda.

Com o crescimento do povoado, em 1726, o Bispo Antônio de Guadalupe, transformou a pequena capela em Capela Curada, podendo assim, ser aberta a todos os habitantes da localidade.

O Capitão foi, ainda, quem doou o terreno onde seria erguida a 1ª Igreja Matriz, no ano de 1739.



Estas fertilíssimas terras, banhadas pelo Rio do Saco, primeiro acolheram o plantio de cana-de-açúcar. Um século depois, neste mesmo solo, o café iria brotar como ouro, fazendo nascer também uma aristocracia rural formada por nobres intimamente ligados à Corte como o Visconde de Ubá, o Barão de Capivary, o Barão de Guaribu, dentre muitos outros.

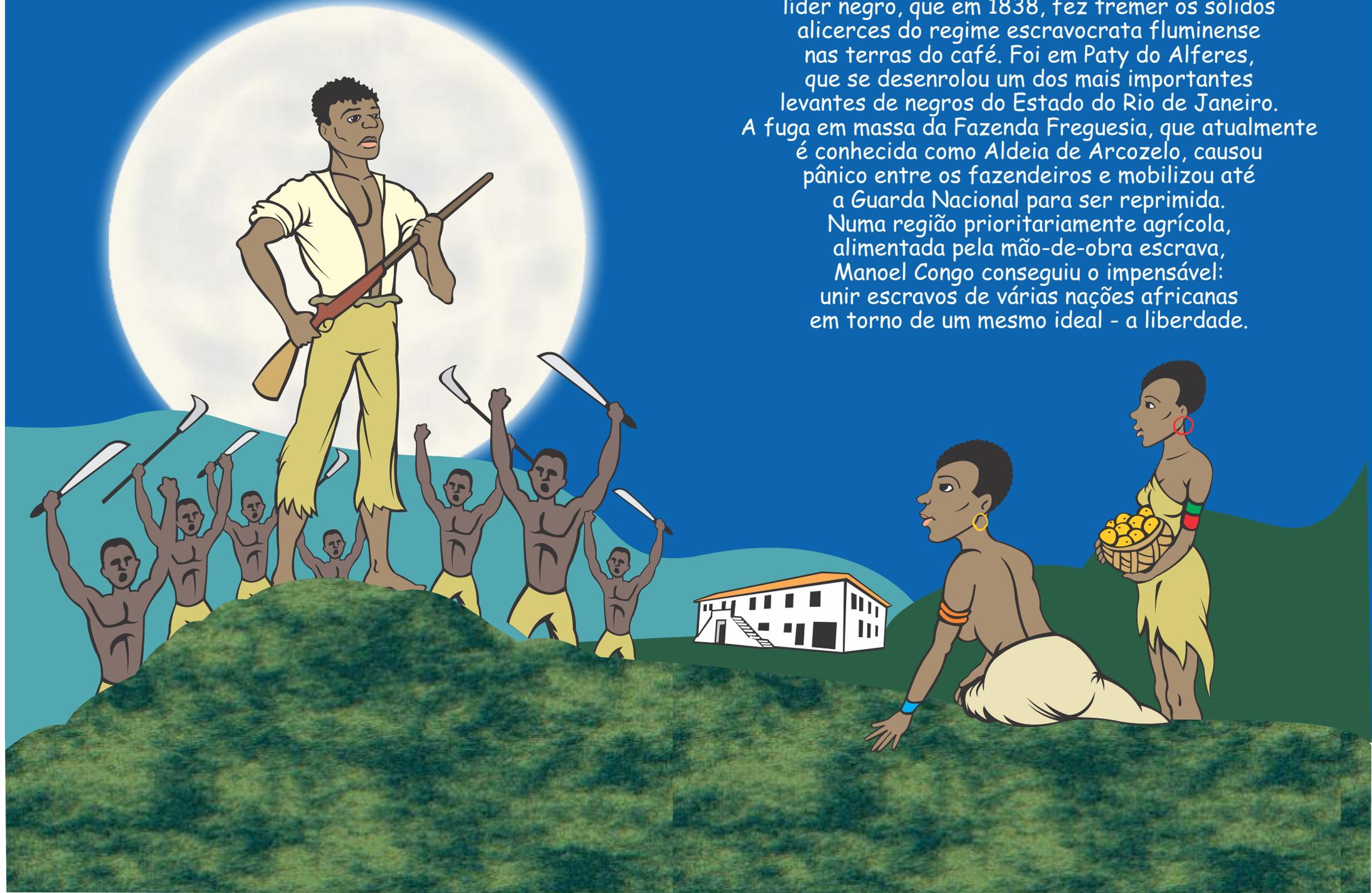


Elevada ao posto de Vila, em 1820, apesar da pompa com que foi fundada, Paty do Alferes, continuou crescendo apenas dentro dos limites das grandes fazendas e não houve interesse pelo desenvolvimento urbano.

Quando a sede foi transferida, em 1833, para a Vila de Vassouras, a nobreza rural patiensense permaneceu atuando ativamente na política.

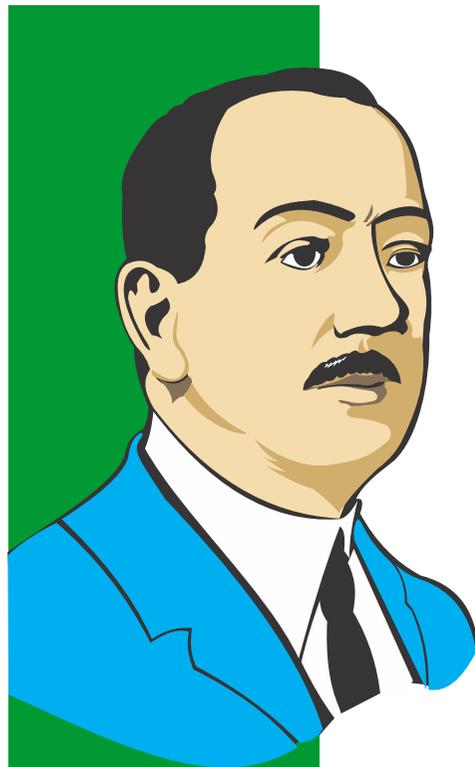


Manoel Congo, entrou para a história como o líder negro, que em 1838, fez tremer os sólidos alicerces do regime escravocrata fluminense nas terras do café. Foi em Paty do Alferes, que se desenrolou um dos mais importantes levantes de negros do Estado do Rio de Janeiro. A fuga em massa da Fazenda Freguesia, que atualmente é conhecida como Aldeia de Arcozelo, causou pânico entre os fazendeiros e mobilizou até a Guarda Nacional para ser reprimida. Numa região prioritariamente agrícola, alimentada pela mão-de-obra escrava, Manoel Congo conseguiu o impensável: unir escravos de várias nações africanas em torno de um mesmo ideal - a liberdade.



Com grande festa, em 1844, foi inaugurada a  
Matriz de Nossa Senhora da Conceição.  
Hoje, o prédio é tombado pelo IPHAN,  
como patrimônio histórico da União.





Joaquim Osório Duque Estrada (1870-1927) foi um poeta brasileiro. Autor da Letra do "Hino Nacional Brasileiro". Foi eleito para a cadeira n.º 17 da Academia Brasileira de Letras. Foi também professor, crítico literário, ensaísta e diplomata..

Joaquim Osório Duque Estrada nasceu em Paty do Alferes, então município de Vassouras, Rio de Janeiro, no dia 29 de abril de 1870. Era filho do tenente-coronel Luís de Azeredo Coutinho Duque Estrada e de Mariana Delfim Duque Estrada. Era afilhado do general Osório, o Marquês do Herval.

Em 1901, participou de um concurso para escolha da letra do Hino Nacional. Sua letra, julgada pelo Congresso, foi vitoriosa, mas só foi oficializada no dia 6 de setembro de 1922.

Ao contar a história de Paty do Alferes não podemos deixar de fora o importante papel da ferrovia no desenvolvimento dessa região.

A Estrada de Ferro Melhoramentos do Brasil foi a companhia responsável por ligar a capital com as cidades do interior. Sua estação principal foi inaugurada em 12 de dezembro de 1897 sendo através dela que se escoava toda produção agrícola, com intensa movimentação de passageiros. Mas após 100 anos em operação, em 1997, a ferrovia que havia se tornado a Linha Auxiliar da Central do Brasil, foi desativada.



Em 1820, Paty do Alferes foi elevada a categoria de vila, até sua sede ser transferida para Vassouras, em 1833, e a localidade continuou crescendo somente dentro dos limites das grandes fazendas, limitando o interesse pelo seu desenvolvimento urbano. Em 1987, foi realizado o plebiscito que emancipou Paty do Alferes, fazendo com que no dia 15 de dezembro seja celebrado o aniversário da cidade.



A Festa do Tomate, que foi idealizada para homenagear nossos produtores rurais, hoje é destaque no calendário de festas da nossa região e, ao ser reconhecida e apoiada pela Lei Estadual de Incentivo à Cultura, se consolidou no cenário nacional não apenas como Exposição Agropecuária mas, também como Evento Cultural.

A produção agrícola, através do tomate, durante muitos anos representou a principal alavanca econômica do município de Paty do Alferes, gerando emprego, renda e fixando o homem à terra. A Festa do Tomate é o ápice desta celebração ao homem do campo e o nosso reconhecimento pelo trabalho e empenho por eles empreendido.

Paty do Alferes, no período da Festa do Tomate, incrementa também o turismo, que é hoje uma das atividades primordiais para o desenvolvimento do município, visto que chegamos a receber 150.000 visitantes, de todo o país, durante o evento.





Apoio

Prefeitura Municipal de Paty do Alferes  
Secretaria de Educação  
Secretaria de Turismo

Pesquisa histórica e textos: Historiadora Lou Calainho  
Texto do Trem: Matheus Figueiredo  
Texto Emancipação e Joaquim Osório: Lívia Fernandes  
Revisão de textos: Sebastião Deister  
Ilustrações: Ricardo Galvão